

IN
ANO 4000

Warley Matias de Souza

IN
ANO 4000



Souza, Warley Matias de, 1974-

IN: ano 4000 / Warley Matias de Souza. –

1ª ed. – Joinville : Clube de Autores, 2024.

150 p. ; 21 cm.

ISBN 978-65-00-94397-9

1. Literatura brasileira. I. Título.

CDD-B869

IN

Copyright © 2024 WARLEY MATIAS DE SOUZA

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer processo, sem autorização por escrito do autor.

Um

O juiz está de pé, perto da janela de seu gabinete. O céu está cinzento, como sempre. Mas o juiz não busca inspiração, não precisa. Está apenas decidindo que pena é mais adequada ao caso.

Não sente culpa por encarcerar pretos e pobres. Acredita que ele, juiz, merece o cargo que ocupa. Ter nascido em uma família abastada, de forma alguma, ajudou em sua ascensão profissional. São esforço e inteligência os responsáveis pelo seu sucesso.

Quando lhe perguntam por que pouquíssimos pobres e pretos chegam à sua posição, a resposta lhe parece óbvia: não se esforçam o suficiente. Então só os brancos e não pobres se esforçam? A conclusão é também óbvia para o juiz: pretos e pobres são inferiores.

Por isso, não tem nenhuma culpa em ter essas pessoas como seus servos. Herdou o deus dos Naturais, assim como seus valores.

Quando vai ao templo aos domingos, um templo frequentado por aqueles de sua classe apenas, agradece a deus pela família perfeita, pelo trabalho perfeito e promete transformar o mundo em um lugar perfeito.

O único privilégio que admite é o de ser amado por deus mais do que a divindade ama os pretos e pobres. No mais, cumpre seu papel de cristão, pois dá emprego aos inferiores, para que não morram de fome, e protege-os de si

mesmos, pois são propensos ao vício e à violência.

Gosta de ser juiz e do poder que o cargo lhe confere. Nessa função, entende o que é ser deus, dono dos destinos alheios. Condena pretos e pobres, coloca-os em cárceres imundos, fétidos, feios e superlotados.

E não acha que eles sofram com isso. Afinal, esse é um ambiente adequado para eles. Além disso, jamais passam fome ali.

Quando o alfa decidiu manter nos Artificiais a sensação de fome, pretendia que houvesse algum tipo de evolução com o passar dos anos. Foram mantidos, também, a dor, o prazer e a morte, amiga do medo.

O juiz olha para seu reflexo no espelho do gabinete. A pele branca, os lábios finos, o cabelo grisalho, o terno escuro, a barriga proeminente de cinquenta anos.

Seus olhos castanhos estreitam-se, e o juiz, mais uma vez, tem a certeza de que a pena de morte é a melhor forma de combater a criminalidade. Porém, alguns juízes ainda são contra o extermínio de pretos e pobres.

Eles têm medo de ficar sem servos.

Policiais pretos e pobres cumprem a tarefa de exterminar seus iguais, quando invadem subúrbios e favelas e, com seus desativadores, eliminam tantas consciências.

O juiz sorri ao pensar nisso, pois é uma situação bastante eficaz, na falta da oficialização da pena capital.

Decide, enfim, a pena apropriada para o caso. E sente-se especial, cheio de sabedoria e superioridade. É um juiz,

determina o destino de todos, mantém seus iguais no poder e pune os servos para que saibam qual é o seu devido lugar.

Dois

A esposa do juiz é loura, alta, com uma pele branca quase leite. Nunca sai de seu quarto sem antes passar um leve batom vermelho nos lábios pálidos. Tem os movimentos delicados de uma mulher calculista de quarenta e sete anos.

A voz está sempre no mesmo tom, e todas as palavras são seguidas por um sorriso de forma alguma natural. Desde muito cedo, aprendeu a disfarçar sua monstruosidade e confundir os menos atentos. É capaz de dizer eu te odeio com uma doçura sorridente.

O seu sorriso ela leva também para reclamar da professora de Literatura de seu filho. Não, não é certo dar uma tarefa de casa com trechos do diário de Carolina Maria de Jesus.

— *Quarto de despejo.*

Estremece, ao mencionar o infame título.

A esposa do juiz é contra a vitimização, não acredita nas palavras da autora. E acha que a tal professora é mal-intencionada.

— Esse livro faz parte da história da literatura mundial — diz a professora, enquanto controla a raiva diante do desrespeito à sua profissão.

— É indigno — conclui a mãe e, em seguida, abre seu falso sorriso.

A direção da caríssima escola particular, obviamente, dá razão à esposa do juiz, pois “o cliente tem sempre ra-

zão”, frase milenar mais respeitada do que as palavras de uma genial, e também milenar, escritora preta.

No carro, de volta à casa, a esposa do juiz prepara seu sorriso para dizer à empregada que seu trabalho está deixando muito a desejar.

— Quanto tempo você trabalha aqui, Preta?

— Dez anos.

— É muito tempo, Preta. Você é quase da família.

O sorriso de Preta não tem só as marcas da humildade, mas também do medo.

E o medo alimenta os monstros.

A esposa do juiz, com sua falsa delicadeza, gosta de ser dona de casa e das pessoas. Ter poder sobre Preta é um de seus maiores prazeres. Mas faz parte das regras básicas de convivência tratar a empregada como se ela fosse uma igual.

Porém, todos sabem que não é. Preta é uma pobre coitada. A esposa do juiz sente desprezo por ela, mas diz ser compaixão, pois acredita em deus e na divina desigualdade.

Duas vezes por semana, a esposa do juiz está disposta a satisfazer sexualmente o marido. Não sente orgasmos, mas finge, para agradar ao juiz. Tudo nela é falso. Todos os seus gestos são pensados. É uma grande atriz no palco da vida. E gosta dos papéis que representa.

Todos sabem que a esposa do juiz ama o marido e o filho. É uma dona de casa realizada. Generosa, está sempre disposta a ajudar os necessitados. E, todas as semanas, vai ao templo e participa, fervorosa, do culto.

— As coisas mais importantes na vida — a esposa do juiz sempre diz — são deus e a família.

Ultimamente, anda com ideias, obviamente conservadoras, sobre educação, saúde e segurança pública. Incentiva o marido a ingressar na política, mas também pensa em um possível lugarzinho ao sol no legislativo.

E por que não? Uma mulher antifeminista também tem certas ambições. É uma mãe e não pode permitir que seu filho seja prejudicado por políticas de igualdade. Então, precisa lutar para manter o *status quo*.

Três

O filho do juiz é um jovem alienado de dezessete anos. É louro como a mãe, mas não tem seus olhos verdes. São castanhos, como os do pai. Tem estatura mediana e alguns quilinhos a mais.

O seu melhor amigo é um tipo “cabeça”, o mais inteligente da turma. Não porque tire notas altas, isso não acontece, mas porque é questionador, observador e curioso.

O filho do juiz vai à cozinha buscar um suco de laranja e deixa o melhor amigo concentrado no trabalho da escola. Quando volta ao quarto, sorri e comenta que Preta é como se fosse da família.

O outro replica:

— Como *se* fosse. Mas não é, pois é *apenas* sua empregada.

— É jeito de falar.

— Não há diferença entre uma empregada doméstica e uma escrava doméstica.

— A empregada ganha um salário.

— Grande diferença!

— Você também tem empregada doméstica.

— Eu não, *meus pais* têm uma.

— Mas você não deixa de comer o almoço que ela faz pra você.

— É verdade. Mas, um dia, terei minha casa, e sem empregada doméstica.

O filho do juiz é apaixonado pelo seu melhor amigo. Mas este gosta da professora de Literatura. Só que ela talvez goste de mulheres. Esse é o boato que corre na escola.

E quando ela diz, em sala de aula, que não acredita em deus, o filho do juiz logo conta para sua mãe, a esposa do juiz, que a professora de Literatura é lésbica e atea.

A esposa do juiz acha que a professora é uma péssima influência. E, por isso, precisa ser demitida.

— Você conta tudo pra sua mãe? Parece criança! Tem dezessete anos! Não sabe pensar com a própria cabeça?

Estão no pátio luxuoso do colégio, na hora do recreio.

— Vai agora contar pra sua mãe as coisas que eu te falo também? Pois eu penso como a professora de Literatura! E sua mãe vai te afastar de mim por causa disso?

O filho do juiz não quer ficar longe de seu melhor amigo, de sua pele muito branca, de seu cabelo louro, de seus olhos azuis, de seu corpo esguio e saudável.

— Sua mãe é uma opressora! Aliás, o nosso Estado é um opressor. E a sua religião, meu amigo, também é opressora. Ninguém consegue ser livre de verdade porque vocês não deixam.

— Não sei o que dizer. Não sou como você. Não ligo pra essas coisas. Só quero ser feliz.

— E o resto que se foda, né?

O filho do juiz pensa como a mãe, mas é apaixonado pelo melhor amigo. Então, enquanto a paixão durar, ele vai passar por cima de tudo por algumas migalhas de atenção.

O melhor amigo dá uma risadinha ao lembrar o que a professora de Literatura disse em uma de suas aulas. Ela comentava o livro de um autor ateu, e um debate sobre religião e ateísmo surgiu em boa hora.

— Às vezes, me sinto como se eu fosse a única adulta em um mundo cheio de crianças que acreditam em papai Noel e que podem ser agressivas caso eu diga pra elas que ele não existe.

Quatro

Preta vai ao templo, com o marido, no domingo à noite. Não é o mesmo templo da patroa, pois a desigualdade está também no direito ao louvor. Deus, afinal, precisa saber quem é quem na hora de atender aos pedidos.

A esposa não gosta de sair sozinha aos domingos. Então, mesmo a contragosto, Branco acompanha sua Pretinha, como ele a chama.

Depois, em silêncio, eles seguem, a pé, rumo a casa. No dia seguinte, vão acordar, ainda escuro, para trabalhar. Ela precisa suportar a patroa. Ele, o pedreiro, que tem ares de grã-finagem.

Preta tem a pele escura, está acima do peso e alisa o cabelo pelo menos uma vez por mês. Busca, assim, o ideal branco. Não tem orgulho de sua cor nem de seu cabelo crespo. Em criança, foi ensinada a se odiar. A educação antipreto é sempre cercada de sutilezas.

Preta nunca leu *Quarto de despejo*, obra abominada pela patroa, escrita por uma Natural há mais de dois mil anos. Preta não lê obras literárias. Como a maioria das pessoas, prefere ver imagens em movimento. Sua alienação só não é total porque sente na pele a crueza da vida.

Branco, cinquenta anos de idade, tem pele clara e olhos verdes. É cinco anos mais novo do que a esposa. E trabalha como ajudante de pedreiro.

Quando chegam em casa, encontram Adão à espera,

no sofá da sala. Um rapaz preto, alto, de vinte e cinco anos. Usa camisa de malha vermelha, calça d'ins e sapato preto.

— Vai amanhã, meu filho.

— Não posso perder minha carona, mãe.

Ele explica, mais uma vez, que o pai de um amigo vai fazer uma viagem de trabalho e dar-lhe uma carona.

— Mas o Setor Nove fica longe, menino. Como vai chegar lá com tão pouco dinheiro?

— Eu me viro, pai.

Branco aconselha:

— Cuidado pra não ser escaneado.

— Vou tomar cuidado.

No carro do pai do amigo, Adão se entrega à leitura. Não quer papo. Está indo em busca de sua origem. Foi encontrado pelos seus pais, há vinte e cinco anos, no Setor 9, Distrito 3.

É um Natural, uma IN. Desde criança, vive com medo de ser descoberto, foge dos escâneres e nem podia brincar com ninguém. A mãe tinha medo de que ele se machucasse e vissem seu sangue vermelho.